

# GDF gasta US\$ 12 milhões com usina de lixo que não funciona

Jorge Abreu

Um ano e quatro meses após a última de uma série de três inaugurações, a segunda maior Usina Central de Tratamento de Lixo do mundo construída pelo GDF no Setor "P" Sul da Ceilândia ao custo de US\$ 12 milhões, ainda não cumpriu o seu objetivo de processar, inicialmente, 600 toneladas de resíduos sólidos e, posteriormente, 1.200 toneladas — quase o dobro da produção atual da primeira maior usina, que processa 700 toneladas por dia.

Até agora, na verdade, a Usina Central funcionou apenas seis meses, em caráter pré-operacional, depois que, em novembro de 85, foi inaugurado o seu primeiro módulo. O segundo entrou em atividade, também em caráter pré-operacional, no mês seguinte. Os outros funcionamentos foram periódicos, nos meses de agosto, setembro e outubro de 86.

Em fevereiro do ano passado, aconteceu a última inauguração. Na ocasião, o então secretário de Serviços Públicos, Carlos Murilo dos Santos, disse que o projeto "tem a marca da nova República". Lembrou, também, os benefícios sociais e econômicos que adviriam da construção da usina. Foi, enfim, uma festa. Mas uma série de problemas impediu a concretização de um dos principais desses benefícios: a geração imediata de 150 empregos diretos. Um número que aumentaria, desde que a usina, efetivamente, funcionasse.

O ex-secretário Carlos Murilo destacou, na mesma inauguração, a previsão de arrecadação mensal, que na época foi calculada em 1,5 bilhão de cruzeiros. Porém, a falta de pessoal devidamente treinado e de uma infra-estrutura de apoio não permitiu que essa meta fosse cumprida. O atual secretário de Serviços Públicos, José Roberto Arruda, garante, no entanto, que a usina finalmente começará a produzir, mas em data que só poderá ser definida com exatidão após a liberação dos recursos previstos em um contrato com a empresa Carioca Engenharia Ltda, responsável pela construção da obra.

O secretário descartou a hipótese de que o fato da usina ter sido construída com tecnologia europeia, a partir do processo Triga, de origem francesa, tenha causado as diversas paralisações. Isso porque a usina é dotada de equipamentos para processar os mais diferentes tipos de lixo. O modo de produção, inclusive, pode ser alterado de acordo com as estações do tempo, que também modificam o lixo das cidades, tornando-os, por exemplo, úmidos em determinadas épocas.

O que aconteceu, realmente, foi a falta de treinamento do pessoal do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), que assumiu a operação da usina a partir de fevereiro de 85. Outra falha: a inexistência de peças de reposição e equipamentos auxiliares.

## Erosão, outra grande ameaça

Além das dificuldades técnicas, a usina enfrenta outro problema: está situada em um morro próximo a uma área de grandes "voçorocas", buracos causados pela erosão. Em função disso, a Secretaria Extraordinária para Assuntos de Erosão vem desenvolvendo várias obras para evitar que o processo erosivo inviabilize totalmente a Central de Lixo.

No final do ano passado, período chuvoso, a erosão começou a comprometer a usina, segundo informou a secretária extraordinária, Veridiana Bragança. Foi então que começaram os trabalhos para estabilizar as cabeceiras das "voçorocas", com aterro, plantio de

Todas essas dificuldades levaram o governador José Aparecido a determinar, em abril do ano passado, que a Secretaria de Serviços Públicos, em conjunto com a Caesb e o SLU, elaborasse um projeto que assegurasse o funcionamento da usina, que possui uma área construída de 3 mil metros quadrados e urbanizada de 200 mil metros quadrados.

Com o projeto, a Diretoria de Operações da Caesb, assim como o SLU e a Secretaria, acreditam que a Usina finalmente poderá tratar as 600 toneladas de resíduos sólidos por dia, utilizando os dois módulos independentes. Isso possibilitará a reciclagem de cerca de 30% do material — plástico, papelão, vidro, metais ferrosos e não-ferrosos — recebido, com uma rejeição da ordem de 20% do total tratado. O composto orgânico resultante deste tratamento do lixo, segundo o projeto da Carioca Engenharia, será o melhor em comparação aos dos em usinas de todo o Brasil, até o momento.

Mas para que composto orgânico (adubo) resultante do tratamento do lixo comece a ser produzido, o GDF terá que alocar recursos superiores a Cz\$ 25 milhões, pois os cálculos para a celebração do contrato com a Carioca Engenharia, foram feitos com bases nos preços de abril e ainda não estão atualizados. Além disso, o novo plano econômico do Governo limita os gastos públicos.

Os iniciais Cz\$ 25 milhões são necessários para manter a usina operando nos dois ou três primeiros meses. Pelo contrato, a própria Carioca Engenharia vai operar a Central de Lixo, durante um ano, sob a supervisão da Caesb e de técnicos da Universidade de Brasília. Assim tentará provar que a obra é viável, ao mesmo tempo em que o pessoal do SLU será devidamente treinado para lidar com as máquinas e equipamentos.

### Adubo

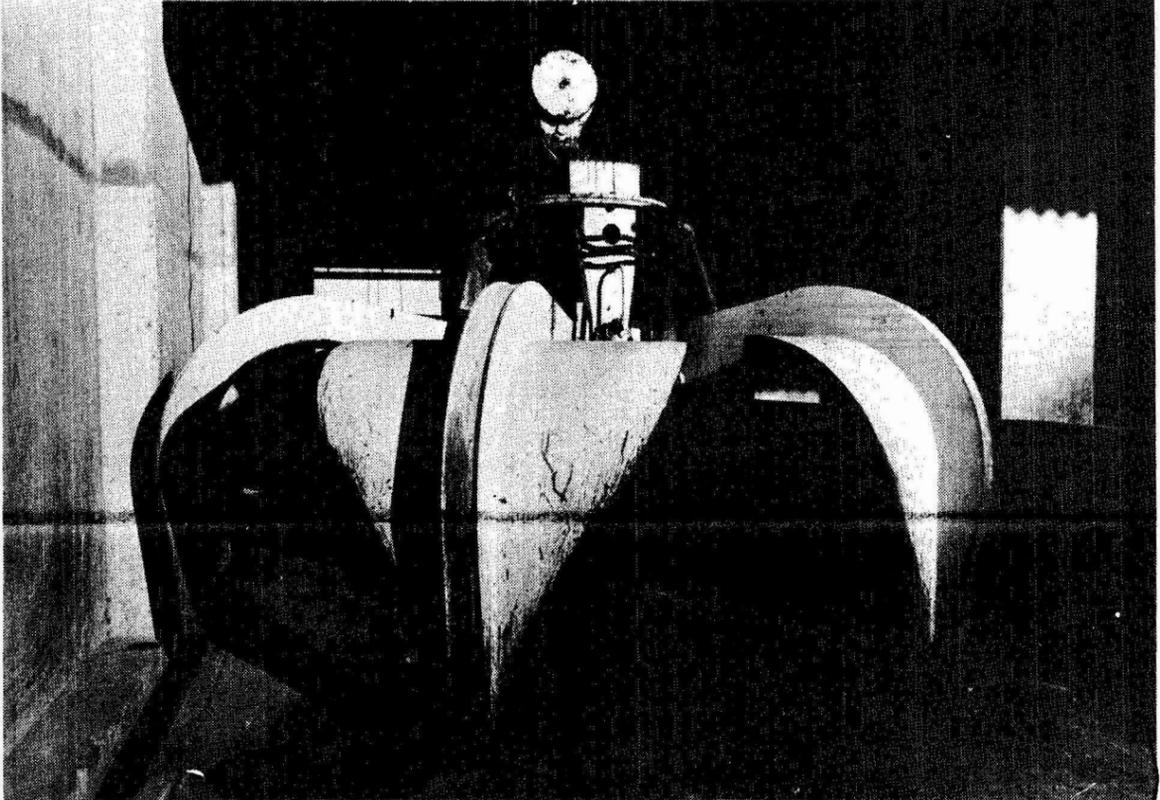
Iniciada a produção, a manutenção da usina será feita com a venda, principalmente, do adubo, que, de acordo com os cálculos de hoje, custa 2,7 OTN's por tonelada. Oferecer um desconto de 60% nessa venda para os produtores rurais devidamente cadastrados é outra sugestão do projeto, que foi elaborada pela Caesb e SLU porque os dois órgãos supervisionaram a construção da obra, ao lado da Secretaria de Serviços Públicos. Também serão vendidos os outros materiais recicláveis.

Assinado o contrato, o que está previsto para esta semana, restará esperar a liberação dos recursos. Feito isso, a diretoria de operações da Caesb estima que, no prazo de 30 a 60 dias, a usina entrará em funcionamento. Até lá, já deverão ter sido concluídas as obras de reparos que estão sendo feitas nos últimos meses, sobretudo aos equipamentos que apresentaram defeitos.

vegetação adequada (no caso, capim braquiária) e canalizações para levar a água retida até os mananciais próximos.

Os trabalhos de estabilização da "voçoroca", que comprometia a central de tratamento (uma das partes da Usina) terminaram custando aos cofres do GDF Cz\$ 857 mil. Os gastos com a estabilização das outras "voçorocas", construção de lagoas de retenção, curvas de níveis, canais de concreto e alvenaria e plantação de capim braquiária estão orçados em Cz\$ 1 milhão 52 mil. Outras obras que precisam ser feitas, em erosões não muito distantes da usina, e que precisam ser contidas, deverão custar em torno de Cz\$ 225 mil 822.

Carlos Menandro



Falta mão-de-obra especializada para operar os equipamentos sofisticados da usina de lixo

Carlos Menandro